
“Não me Lembre!” O Ato Falho como Apelo do Sujeito do Inconsciente

*Ricardo Gusmão Machado*¹⁶

I - O CASO

Através do presente trabalho buscarei abordar o tema do ato falho, seu valor de verdade para a psicanálise e como o mesmo pode evidenciar o sujeito do inconsciente. Para tratar deste assunto escolhi uma abordagem ancorada a partir de um caso clínico de um analisante que chamarei aqui de “Vladimir”.

Vladimir é um homem na faixa dos 40 anos que buscou a análise inicialmente se queixando de não conseguir dar continuidade às coisas que começava, sejam suas leituras, a academia ou *hobbies*. No entanto, com o tempo acabou revelando uma outra coisa que o incomodava, que ao contrário da sua queixa inicial, não conseguia interromper.

¹⁶ Mestre e Doutorando em Filosofia e Teoria Social pela UFBA. Diretor do Seminário Interdisciplinar de Psicanálise (SIPSI).
contatoricardogusmao@gmail.com

Vladimir conta nunca ter sido um homem afeito aos vícios, bebe cerveja aos finais de semana, mas nunca foi um problema para ele interromper esse hábito, chegou a fumar maconha e cheirar cocaína na juventude, mas também não levou o hábito adiante. Contudo, conta existir algo que, por mais que queira, não consegue evitar. Diz estar viciado em pornografia e se masturba assistindo vídeos quase diariamente.

O analisante conta ser casado e que seu vício não trouxe prejuízos diretos para o seu casamento, pois mantém uma vida sexual ativa com a sua esposa. Contudo, chegou a contar para ela sobre o problema que vinha enfrentando, ao passo que ela não recebeu muito bem a informação. Ele diz que ela se sentiu traída e para evitar problemas passou a negar quando ela questionava se ele ainda estava mantendo o hábito da masturbação. Apesar de ter negado ele diz se aproveitar de todas as oportunidades em que fica sozinho para assistir a vídeos de sexo e se masturbar, por mais que prometa para si mesmo que não o fará mais.

Ele conta que o único momento da sua vida que conseguiu lidar com a situação foi quando se tornou evangélico e acreditava que se masturbar era um pecado. Durante todo os anos que passou frequentando sua igreja, interrompeu por

completo a prática da masturbação, porém agora, ainda que se entenda como um cristão, já não acredita que Deus se importe com esse tipo de prática e por isso não consegue ter força de vontade o suficiente para abandonar o hábito.

Pergunto se ele se recorda quando isso tudo começou. Ele me responde sem pensar que o vício começou quando ele tinha ainda 9 anos e recebeu de presente de um pedófilo uma revista erótica. Pergunto se esse pedófilo tentou alguma outra coisa com ele. Ele diz não recordar, mas durante a negativa produz um ato falho. Vladimir pretendia me responder com a frase “não me lembro”, mas ao invés disso ele diz “Não me lembre”. A frase que seria articulada como uma oração negativa, surge na forma de um imperativo que apela para que eu não o faça recordar. Mas recordar do que?

II - O ATO FALHO E SUA INTERPRETAÇÃO

Sigmund Freud (1856-1939) trata do tema do ato falho em *A Psicopatologia da Vida Cotidiana*, publicado em 1901. Nessa obra, o ato falho é descrito como uma interferência do recalado na intenção consciente do indivíduo, que, ao buscar comunicar algo, se vê invadido por um dizer que destoa de sua intenção (FREUD, 2023). Para Lacan, tal mecanismo obedece a

uma lógica metafórica ou metonímica (LACAN, 1999, p. 33) e demonstra a divisão subjetiva por meio da irrupção inconsciente. Ou seja, quando o “não me lembre” é enunciado, infiltrando-se na fala de Vladimir, que conscientemente buscava apenas comunicar a ausência de uma recordação, o que temos, em estrutura, é uma metáfora, na qual um significante é substituído por outro, introduzindo um novo sentido para a cadeia significante.

O novo sentido trazido pela estrutura metafórica do ato falho de Vladimir permite algumas interpretações. A primeira, e mais óbvia, consiste em uma demanda inconsciente de não recordar o assunto em questão. Trata-se de um mecanismo de defesa e faz parte da resistência, inerente a qualquer tratamento analítico. A segunda interpretação encontra-se nesse imperativo, que se mostra como um apelo ao Outro, a quem se atribui a função de impedir a lembrança ou, ao menos, de não levar o sujeito a confrontar aquilo que está recalcado.

É o objeto de recalque que permanece aqui como uma incógnita. Pode o analista desvelar a natureza daquilo que está oculto pelo véu do recalque e que o sujeito reluta em recordar?

Há uma crítica recorrente à psicanálise que a torna um alvo frequente do cientificismo, crítica que pode ser encontrada desde Popper (1902-1994), para quem a psicanálise não pode ser considerada uma ciência por não atender ao critério de falseabilidade. Em sua interpretação, a teoria psicanalítica não permite refutação, pois interpreta qualquer comportamento, seja aquele que se observa ou seu oposto, como uma confirmação da teoria. Por exemplo: se pontuo o ato falho e lanço uma interpretação sobre ele, mas recebo uma negativa como resposta, não admito aquilo como um erro meu ou da teoria, mas como uma recusa do analisante, que resiste ao tratamento.

Freud responde a essa crítica em seu texto “*Construção na Análise*” (1937), no qual explica que, para a psicanálise, não é apenas a negativa que não deve ser aceita de imediato pelo analista; até mesmo a confirmação por parte do analisante não deve ser tomada automaticamente como uma validação da interpretação, pois também pode representar uma defesa para encobrir o verdadeiro recalcado (FREUD, 2017, p. 271). Em ambos os casos, é necessário estar atento às informações que virão a partir daí, pois só a continuidade da análise poderá confirmar ou refutar uma interpretação.

Desde Freud, a própria interpretação passou por mudanças e, se nos primórdios da psicanálise era comum que o analista entregasse ao analisante uma interpretação pronta para os seus sintomas, a partir de Lacan isso se tornou pouco usual. O analista pontua e aguarda de que forma aquilo será recebido pelo analisante. Desse modo, não podemos simplesmente admitir que, pelo fato de Vladimir ter cometido um ato falho que traz um apelo para não ser lembrado acerca de um possível abuso, esse abuso de fato teria ocorrido. A recusa da lembrança pode possuir inúmeras causas, e apenas seria possível chegar ao recalco através da continuidade da análise, que foi interrompida aproximadamente um mês depois.

O que a teoria nos diz é que havia algum conteúdo do qual o sujeito se recusava a recordar. A natureza desse conteúdo não foi identificada no processo de análise. Vale lembrar ainda do estatuto da verdade para a psicanálise, e que, para ela, uma verdade psíquica possui o mesmo valor que uma verdade factual; ou seja, a mera conjectura de um abuso pode promover efeitos psíquicos muito semelhantes ao abuso em si. Vladimir entende que este homem é um pedófilo quando o mesmo é preso sob essa acusação. O objeto do recalco tanto poderia ser um abuso sofrido, e, na época, não entendido como tal, que vem à tona

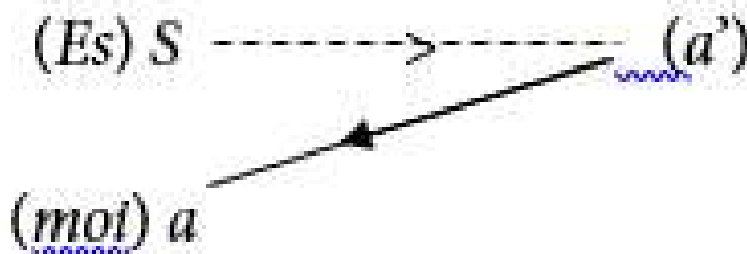
com a prisão do abusador, como a ideia de um abuso nunca ocorrido, que se forma a partir desse evento. Assim como nenhuma dessas opções, mas alguma terceira, menos óbvia.

O fato é que existe aqui um apelo e, para o propósito deste trabalho, o valor desse ato falho se encontra muito mais na maneira como ele pode evidenciar a presença daquele que apela, ou seja, o sujeito do inconsciente, do que em qualquer obtenção de uma resposta acerca do objeto recalcado por Vladimir.

III - O ATO FALHO COMO EVIDÊNCIA DO SUJEITO DO INCONSCIENTE

Conforme Lacan deixa claro em seu *Seminário 2* (LACAN, 1985), o sujeito, para a psicanálise, não se confunde com o eu. Essa é uma grande diferença entre a perspectiva psicanalítica e a perspectiva de outras formas de saber, como a da filosofia, por exemplo. O eu (*moi*), na perspectiva lacaniana, é uma construção imaginária, e não o núcleo do ser individual. Tal construção, conforme pode ser visualizada na parte superior do *Esquema L* (Figura 1), é formada a partir de um processo de identificação com a imagem do outro, sobretudo durante o estágio do espelho. Nessa fase, o indivíduo forma uma imagem para si (*a/moi*), com base na imagem de um outro (*a'*) e na sua

relação com o mesmo. Trata-se de uma construção que o aliena de sua verdadeira constituição (S), marcada pela falta (\$).



1. Parte superior do Esquema L (Idem, p.307)

Já o sujeito (*je*) é entendido como a primeira pessoa da enunciação, o sujeito que fala, mas que, ao falar, efetua uma divisão. Ao dizer “eu”, o sujeito se mostra ausente de sua própria enunciação, separado desse eu (*moi*), que aparece enquanto um significante que apenas o representa de forma parcial, pois o sujeito nunca coincide totalmente com aquilo que diz de si mesmo. Por outro lado, o sujeito está naquilo que escapa ao eu (*moi*), naquilo que ele diz sem saber. Está no furo, na construção sintomática, no lapso e, claro, no ato falho.

O ato falho de Vladimir evidencia a presença desse sujeito que profere “não me lembre”, introduzindo seu apelo em meio a uma enunciação que o eu acreditava ter pleno domínio,

mas que não coincidia com a demanda do seu inconsciente. O *moi* queria dizer “não me lembro”, ou seja, afirmar um lapso na sua memória. Mas o *je* se manifesta como uma interferência, infiltrando um apelo, um pedido dirigido ao Outro, no qual se torna manifesta a demanda de não recordar ou de não ser levado a tal.

É nesse sentido que o sujeito da psicanálise é constituído pela linguagem, pois ele só existe enquanto efeito dela, mostrando-se dividido pelo significante. Não há, para Lacan, um sujeito pré-existente à linguagem; ele existe na medida em que fala, na medida em que busca dizer a si mesmo por meio dos significantes, significantes estes que se mostram sempre em relação a outro significante, de modo que o sujeito, como tal, se encontra no intervalo. Ele está na falta que aparece entre um significante e outro.

Dito isto, o presente caso não nos conduz na direção de uma resposta satisfatória acerca de um possível evento recalcado da memória do analisante, mas evidencia uma fissura que permite ao sujeito emergir através de um apelo para que não seja direcionado àquilo que o ameaça. É através da fala que se revela também uma falha, e é através dessa falha que dimensionamos a

divisão subjetiva e a presença de um sujeito que, tal como nos propõe Lacan, difere do eu. Enquanto o eu (*moi*) não se lembra, o sujeito (*je*) *deseja* não ser lembrado.

REFERÊNCIAS:

FREUD, Sigmund. Fundamentos da Clínica Psicanalítica. *In:* FREUD, Sigmund. **Obras Incompletas de Sigmund Freud**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017

FREUD, Sigmund. Psicopatologia da Vida Cotidiana. *In:* FREUD, Sigmund. **Obras Incompletas de Sigmund Freud**. Belo Horizonte: Autêntica, 2023

LACAN, Jacques. **O Seminário livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985

LACAN, Jacques. **O Seminário livro 5: as formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999